



AS DIFICULDADES DOS POLISSISTEMAS DE TRADUÇÃO EM VIDA DE JESUS: TEORIA E ANÁLISE

Cintia Ramirez Nuñez¹
Fábio Augusto Darius²

Resumo

O artigo explora desafios na tradução das obras de Ellen G. White, escritora dos séculos 19 e 20, devido a polissistemas de tradução. O estudo compara duas traduções para o português de *The Story of Jesus*, a de Guilherme Stein Jr. (1910) e a de Sônia Maria Mastrocota Gazeta (2011). O objetivo é analisar as dificuldades tradutórias resultantes dos polissistemas em textos religiosos. A pesquisa utilizou o cotejo de traduções, focando em polissistemas para explicar as decisões tradutórias. O conceito de polissistema de Even-Zohar (2007) considera a tradução parte de um universo mais amplo, influenciado por sistemas políticos, sociais e científicos. A metodologia analisou como a retradução é afetada por mecenato, manipulação institucional e economia, impactando o que e como traduzir. Cinco exemplos de diferenças de tradução do original em inglês foram examinados qualitativamente, focando em alterações de “realia” (elementos culturais específicos). A análise das alterações de *realia* nas traduções de *The Story of Jesus* revelou a formação de um polissistema de tradução. As alterações desconsideraram dados culturais originais para atualizar vocabulários. A tradução mais recente de Mastrocota apresentou mais alterações de “realia” que a de Stein Jr., corroborando Even-Zohar (2007).

Palavras-chave: Polissistema; tradução; *realia*; Ellen G. White; adaptação.

Editores científicos: Flávio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto

Organização: Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Recebido: 25/02/2025

Aprovado: 25/06/2025

Como citar: NUÑEZ, C. R.; DARIUS, F. A. As dificuldades dos polissistemas de tradução em *Vida de Jesus: teoria e análise*. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 01-21, e2018, 2025. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe2018>

¹ Graduada em Letras (Espanhol) pela Universidade Estácio de Sá, Letras (Português) e Licenciatura em Música pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Atualmente é professora de espanhol. E-mail: cintiaranu@gmail.com

² Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (Faculdades EST), é professor de Teologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Contato: fabio.darius@acad.unasp.edu.br



THE DIFFICULTIES OF POLYSYSTEM TRANSLATION IN *VIDA DE JESUS*: THEORY AND ANALYSIS

Abstract

The article explores challenges in translating Ellen White's works, a 19th and 20th-century writer, due to the translation of polysystems. The study compares two Portuguese translations of *Vida de Jesus* (*The Story of Jesus*): Guilherme Stein Jr.'s (1910) and Sônia Maria Mastrocola Gazeta's (2011). The objective is to analyze the translational difficulties resulting from polysystems in religious texts. The research used the collation of translations, focusing on polysystems to explain translational decisions. Even-Zohar's (2007) polysystem concept considers translation as part of a broader universe, influenced by political, social, and scientific systems. The methodology analyzed how retranslation is affected by patronage, institutional manipulation, and economics, impacting what and how to translate. Five examples of translation differences from the English original were qualitatively examined, focusing on alterations of "realia" (specific cultural elements). The analysis of *realia* alterations in *Vida de Jesus* translations revealed the formation of a translation polysystem. The alterations disregarded original cultural data to update vocabularies. Mastrocola's more recent translation showed more "realia" alterations than Stein's, corroborating Even-Zohar (2007).

Keywords: Polysystem; translation; *realia*; Ellen G. White; adaptation.

LAS DIFICULTADES DE LOS POLISISTEMAS DE TRADUCCIÓN EN *VIDA DE JESUS*: TEORÍA Y ANÁLISIS

Resumen

El artículo explora los desafíos que presenta la traducción de las obras de Elena de White, escritora de los siglos XIX y XX, debido a los polisistemas de traducción. El estudio compara dos traducciones portuguesas de *Vida de Jesus* (*La Única Esperanza*): Guilherme Stein Jr. (1910) y Sônia Maria Mastrocola Gazeta (2011). El objetivo es analizar las dificultades traduccionales derivadas de los polisistemas en textos religiosos. La investigación empleó la cotejación de traducciones, centrándose en los polisistemas para explicar las decisiones traduccionales. El concepto de polisistema de Even-Zohar (2007) considera la traducción como parte de un universo más amplio, influenciado por sistemas políticos, sociales y científicos. La metodología analizó cómo la retraducción se ve afectada por el mecenazgo, la manipulación institucional y la economía, impactando qué y cómo traducir. Se examinaron cualitativamente cinco ejemplos de diferencias de traducción con respecto al original en inglés, centrándose en las alteraciones de los "realia" (elementos culturales específicos). El análisis de las alteraciones de los *realia* en las traducciones de *Vida de Jesus* reveló la formación de un polisistema de traducción. Las alteraciones ignoraron los datos culturales originales para actualizar los vocabularios. La traducción más reciente de Mastrocola mostró más alteraciones de los "realia" que la de Stein Jr., lo que corrobora Even-Zohar (2007).

Palabras claves: Polisistema; traducción; *realia*; Elena G. de White; adaptación.



INTRODUÇÃO

Ellen G. White nasceu numa pequena fazenda numa colina, agora conhecida como “Fort Hill Farm”, na cidade de Gorham, Maine, no nordeste dos Estados Unidos, no ano de 1827 (Knight, 2010, p. 69). Seu amor aos livros a levou a acumular “uma biblioteca pessoal de mais de mil volumes” (Knight, 2010, p. 68), um grande feito para a época, e a tornou “uma das escritoras mais traduzidas em toda a história” (White, 2015, p. 7). A importância religiosa de Ellen White advém do fato de que ela alegava ter recebido duas mil visões e sonhos a partir de 17 anos de idade, cada uma das quais durou entre um minuto e quatro horas (White, 2015, p. 7). Segundo Moon e Kaiser (2018, p. 29),

Ellen White foi um fenômeno literário. Na época de sua morte, em 16 de julho de 1915, seu corpus literário incluía 26 livros, cerca de 200 folhetos e panfletos, mais de 5 mil artigos em periódicos, 6 mil cartas datilografadas e manuscritos gerais, além de diários, totalizando aproximadamente 100 mil páginas de material ao longo de seus 71 anos de ministério (1844-1915). Hoje, incluindo compilações, há mais de 100 obras disponíveis em inglês [mais de 90 em português]. Ainda mais impressionante do que a quantidade de sua produção literária é a variedade de temas que ela abordou. Ellen White não só se concentrou em questões religiosas como profecias bíblicas, ministério infantil, métodos evangelísticos, homilética, o papel das mulheres na igreja, espiritualidade e teologia, mas também escreveu várias obras sobre saúde e educação.

Ellen White deixou, portanto, um grande legado de publicações. Por isso, de acordo com Poirier (2018, p. 1340),

Em seu testamento, Ellen White encarregou os depositários de seus bens de garantir a impressão de novas traduções de seus livros e manuscritos. Seu empenho na tradução de suas obras para leitores de outros idiomas ao redor do mundo não foi movido por interesses, mas pela missão, conforme evidencia seu envolvimento nessa tarefa desde a metade da década de 1880. O primeiro livro da autora em outra língua parece ter sido *Aandelige Erfaringer* (Experiência Cristã), publicado em dinamarquês, em 1884. Inclui material dos relatos autobiográficos de Ellen White em *Testemunhos para a Igreja* e *Spiritual Gifts* (Dons Espirituais), volume 1. Logo se seguiram as traduções de seus escritos sobre a vida de Cristo para outras línguas europeias (adaptações dos volumes 2 e 3 de *The Spirit of Prophecy*) e *O Grande Conflito*.

O processo de tradução das obras de Ellen White demonstrou um rápido avanço ao longo do tempo. Até 2008, seus livros já estavam disponíveis em mais de 165 idiomas. Dentre suas publicações, a obra *Caminho a Cristo* (White, 2013) destaca-se



como a mais traduzida, e o espanhol figura como a língua para a qual a maioria de suas obras foi vertida (Poirier, 2018, p. 1340). Apesar dos esforços tradutórios para recuperar as ideias originais de Ellen White a respeito dos vários temas sobre os quais escreveu, a tarefa é reconhecidamente árdua. De acordo com Lake (2017, p. 41), “seus escritos foram produzidos no século 19 bem distantes do nosso século 21. Assim, princípios corretos de interpretação são vitais para entender sua mensagem”. Do contrário, Ellen White se torna “um nariz de cera que pode ser virado para este lado e, então, para o outro lado” (Geoffrey, 1978, p. 156).

Havia dificuldades inerentes à edição dos livros da escritora, uma vez que contava com o auxílio de copistas e secretários. O filho William White (*apud* Olson, 2012, p. 137) explica que os copistas eram “incumbidos do trabalho de corrigir erros gramaticais, eliminar repetições desnecessárias e agrupar parágrafos e seções em sua melhor ordem”. Portanto, as dificuldades de editar e traduzir uma obra tão vasta e diversa nos leva a indagar, além disso, as implicações oriundas do fato de que essa obra tenha se tornado, com o passar dos anos, um polissistema de tradução.

O conceito de polissistema foi desenvolvido, na década de 1970, por Even-Zohar (2007), na escola de Tel Aviv. De acordo com Fernández Estañan (2019), a teoria dos polissistemas considera que uma tradução integra um universo mais amplo do que o da própria obra, dialogando com o sistema político, com o sistema social e até com o sistema científico. Por isso, considera que uma retradução é afetada, por exemplo, por aspectos como mecenato, manipulação institucional e fatores econômicos, o que resulta em eliminação de passagens e decisões sobre o que e como se traduz. De fato, “a teoria dos polissistemas de Even-Zohar teve papel fundamental não só na construção dos estudos da tradução no Brasil, como também impactou os campos da literatura e da educação” (Magaldi, Steil e Rodrigues, 2021, p. 7).

A partir de tal perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo comparar duas traduções da obra *Vida de Jesus*, de Ellen G. White, uma autora norte-americana do século 19 e início do século 20. A obra original intitulava-se *The Story of Jesus* e foi publicada pela primeira vez em 1896. A primeira tradução para o português foi feita por Guilherme Stein Jr. em 1910, e a segunda, por Sônia Maria Mastrocola Gazeta em 2011, tendo ambas sido lançadas pela Casa Publicadora Brasileira. O estudo pretende analisar as principais dificuldades tradutórias



resultantes da criação de polissistemas que afetam a retradução de obras de texto sensível, como é o caso das obras de temática religiosa.

O método escolhido para a pesquisa foi o do cotejo de traduções, com atenção especial para os polissistemas que explicam as decisões tradutórias. No estudo da tradução comparada de duas versões de um mesmo texto, é possível que o conceito de polissistemas explique algumas importantes decisões tradutórias. Além disso, é possível que esse conceito nos ajude a entender também como alguns aspectos importantes da tradução podem sofrer o impacto de influências externas à obra.

Na comparação das traduções, examinamos cinco exemplos de como o original em inglês foi traduzido diferentemente pelos dois tradutores escolhidos, como resultado da formação de um polissistema de tradução cujas implicações acabaram sendo sentidas no significado das próprias traduções. Trata-se, portanto, de uma análise comparativa e qualitativa de cinco trechos traduzidos da obra *The Story of Jesus*, de Ellen White, em diferentes épocas e por dois tradutores diferentes.

OS POLISSISTEMAS DE TRADUÇÃO

Even-Zohar (2007) aborda as bases de sua teoria dos polissistemas, considerando a literatura (primeira parte), a tradução (segunda parte) e a investigação da cultura (terceira parte). Ao tratar da literatura (primeira parte), comenta a teoria dos polissistemas, o conceito de sistema literário, a busca de leis e suas implicações para o futuro da ciência e da literatura, a função da literatura para a criação das nações da Europa e a literatura como bem e como ferramenta. Ao tratar da tradução (segunda parte), discute a relação entre a literatura traduzida e o polissistema literário, mas também fala acerca da fabricação do repertório cultural e o papel da transferência. Por último, ao discutir a investigação da cultura (terceira parte), Even-Zohar enumera os fatores e as dependências na cultura, apresentando uma revisão da teoria dos polissistemas e considerando a fabricação de repertórios bem como a sobrevivência e o êxito dentro das condições de heterogeneidade. Considera, então, o planejamento da cultura e do mercado, aborda o conflito linguístico no contexto da identidade nacional e conclui sua obra analisando o nascimento de uma cultura hebreia na Palestina durante os séculos 19 e 20.

No capítulo “La teoría de los polisistemas” (Even-Zohar, 2007, p. 4-21), aparece a ideia de que a cultura é importante em um sistema. O capítulo tenta



explicar adequadamente os fenômenos conhecidos de um sistema e propõe o conceito de polissistema como um sistema variado cujos elementos se entrelaçam e se agregam, tornando-se interdependentes. Para Even-Zohar, os polissistemas são dinâmicos e organizados, sendo que cada sistema pode ocupar lugares diferentes, tornando-se, por essa razão, centrais ou periféricos, conforme seu grau de importância e hierarquia. Nos lugares mais centrais de um polissistema literário, é possível encontrar as propriedades canônicas, enquanto as propriedades não canônicas pertenceriam aos lugares periféricos.

No capítulo “El sistema literario” (Even-Zohar, 2007, p. 22-41), o polissistema aparece de forma mais dinâmica no contexto literário, incluindo os conjuntos de fatores que participam do polissistema, que são muito mais numerosos do que se aceita comumente nos estudos literários. Diante disso, o capítulo alerta para a tendência de se produzirem traduções que ficam distantes da cultura original e se aproximam mais da cultura de chegada. De fato, nas culturas mais jovens ou com pouco seleções literárias, os sistemas literários invadem as periferias do sistema cultural, especialmente em circunstâncias de crise. Por isso, a tradução literária ocupa um lugar mais central no polissistema, cumprindo um papel modernizador, pois o sistema literário envolve um consumidor, um produtor, um produto e um repertório institucional, sendo que tais elementos se subordinam ao mercado que pretende atender.

O capítulo “La posición de la literatura traducida en el polisistema literario” (Even-Zohar, 2007, p. 82-90) considera a literatura traduzida não só como um sistema integrante de um polissistema literário, mas também como um dos mais ativos, pois faz parte integrante de suas forças inovadoras. Assim, não se pode estabelecer uma distinção clara entre os textos originais e os textos traduzidos. Nas literaturas periféricas, a tradução não faz parte de um só canal importante, mas permite criar um repertorio moderno, tornando-se um meio para fazer ajustes e oferecer novas possibilidades. A literatura traduzida introduz novas ideias e características na literatura. Além disso, ajuda na preservação do que é considerado tradicional. Portanto, a diferença entre a literatura original e a literatura traduzida cresce de distintas maneiras, pois nem todas as literaturas são organizadas da mesma forma, já que as culturas diferem significativamente umas das outras. Quando a literatura



traduzida tem um lugar periférico, o objetivo do tradutor é achar os melhores exemplos predefinidos para os textos estrangeiros.

O capítulo “Factores y dependencias en la cultura: una revisión de la teoría de los polisistemas” (Even-Zohar, 2007, p. 92-121) procura mostrar que o poder explicativo do pensamento relacional tem sido usado, com considerável sucesso, nos diversos campos das disciplinas sociossemióticas. No entanto, esse poder não para no nível da análise dos fenômenos já conhecidos, pois o pensamento relacional, talvez com maior força, consegue fazer conjecturas sobre objetos não reconhecidos e conhecidos, pelo que se torna uma ferramenta de descoberta. O pensamento relacional contribui para que se elimine uma interminável série de difíceis descrições, mesmo em fenômenos mais complexos como os da linguagem e da literatura. A cultura é uma esfera que possibilita a organização da vida social. Swidler (*apud* Even-Zohar, 2007, p. 28) afirma que a cultura é “um repertório, ou uma caixa de ferramentas, de hábitos, habilidades e padrões”, com as quais as pessoas constroem suas “estratégias de ação” e usam para entender o mundo. Even-Zohar (2007, p. 100) define repertório como “um conjunto de regras e materiais que regulam tanto a construção quanto o manejo de um determinado produto ou, em outras palavras, sua produção e seu consumo”. Os repertórios envolvem não apenas a noção de sistematização, mas também de participação. Uma instituição é, portanto, uma intermediaria entre as forças sociais e os repertórios da cultura. Mas o mercado é maior do que suas instituições, pois tem o poder de tomar decisões que sobrevivem por um tempo maior. Trata-se de uma “memória coletiva” enquanto fator de coesão de longa duração e da tarefa básica de preservar um repertório canonizado para transmiti-lo de uma geração a outra.

O capítulo “La fabricación del repertorio cultural y el papel de la transferencia” (Even-Zohar, 2007, p. 122-131) procura responder à pergunta: como determinados grupos de pessoas conseguem perseverar ao longo do tempo com certos repertórios? Os repertórios e os grupos teriam uma conexão criada como uma relação inerente. Entre os grupos e os repertórios se concebem relações funcionais e multidimensionais que seriam geradas por circunstâncias históricas e accidentais. A multiplicidade de repertórios faz com que disputem permanentemente entre si para fazer as mudanças necessárias em um sistema. O massivo trabalho colocado na fabricação de novos repertórios pode ampliar os resultados em um nível alto de



atividade (que pode ser chamada de “energia”), que começou em algumas circunstâncias contemporâneas para melhorar as condições de vida de certo grupo de pessoas. Os novos repertórios criados sempre tiveram a intenção de melhorar a situação do grupo ao qual se dirigiam. Essas novas práticas não seriam criadas estrategicamente para aumentar, portanto, a riqueza material, mas para produzir novas ideias. Teoricamente, temos dois tipos de projetos: a fabricação de novos repertórios e a criação de novas entidades sociopolíticas. Os repertórios seriam, portanto, opções inventadas pelos seres humanos para orientar sua vida. O princípio do processo é estabelecer uma nova entidade que garanta uma disputa contínua de repertórios. Os grupos tendem a viver melhor com base em certos repertórios em detrimento de outros. Como o autor já havia dito anteriormente:

Quando um determinado sistema conseguiu acumular uma reserva suficiente, há uma boa chance de que o estoque doméstico seja suficiente para se estabilizar e perdurar, a menos que as condições mudem drasticamente. Caso contrário, a única solução que resta, ou pelo menos a mais decisiva, são as transferências intersistêmicas, que são realizadas imediatamente, apesar da resistência. [...]. Apenas sistemas estáveis [...] conseguem sobreviver, enquanto os outros simplesmente morrem. Assim, as “crises” e “catástrofes” de um polissistema (isto é, eventos que exigem mudanças radicais, seja por transferência interna ou externa), se controladas pelo sistema, são sinais de vitalidade e não de degeneração (Even-Zohar, 2007, p. 21-22).

A próxima seção pretende dar mais esclarecimentos sobre os processos de transferência, que são tão importantes para a teoria da tradução.

O PARECER DE FERNÁNDEZ ESTAÑAN

Fernández Estañan (2019) oferece um resumo adequado da teoria dos polissistemas numa obra que serve de guia prático para a tradução de livros do inglês para o espanhol. A obra, como um todo, discute aspectos tradutórios como a intraduzibilidade e a tradução como um exercício de transferência. Para isso, a autora trata das transferências linguísticas (primeira seção da primeira parte), culturais (segunda seção da primeira parte) e retóricas (segunda parte), visando os polissistemas quando considera as transferências culturais. Por uma questão de brevidade e foco desta pesquisa, esta seção vai se ater a alguns capítulos da segunda seção da primeira parte, cuja temática se volta, de alguma forma, para os polissistemas e as transferências culturais.



O prólogo da obra de Fernández Estañan (2019, p. 12-13) se intitula “Traducir no es fácil”. Nele, Antolín Rato explica que, para a tradução literária, é necessário ter conhecimentos, intuição e ousadia iguais às do escritor. Não basta só ter talento. É preciso ter conhecimento que é adquirido com os anos de prática. Para que os leitores de diferentes línguas compreendam a tradução, é necessário que contem com um tradutor criativo que lhes leve as ideias do autor. O tradutor não cria do nada, mas a partir de um original. É preciso, portanto, que o tradutor use ferramentas semelhantes às do autor. A criação na tradução depende de que o tradutor intérprete a expressão do autor, embora tenha um tempo menor do que o autor para sua criação. Por essa razão, muitos escritores falam que os tradutores são heróis invisíveis. Por outro lado, o tradutor erra quando não se deixa influenciar por sua língua de origem. Mesmo que o tradutor queira a tradução exata, quem decide, no final, é o revisor ou, geralmente, o editor. Um bom tradutor aspira a que o leitor não o reconheça através da leitura e, sim, que o autor se destaque. Sendo assim, no final quem leva a glória é o criador e não o intérprete.

Na introdução à segunda seção da primeira parte (Fernández Estañan, 2019, p. 47-48), a autora argumenta que o fato de poder conhecer outra língua pode nos fazer sentir as sensações precisas que o autor quer passar. Para traduzir certa obra, teremos que nos colocar na pele do autor, inserindo-nos em seu contexto e familiarizando-nos com sua língua e a cultura. Até hoje, ninguém conseguiu encontrar uma língua que seja apta para todas as diferentes áreas da vida. O leitor só poderá sentir emoções, sensações e intensidades em sua língua e de acordo com sua realidade cultural. Graças à tradução, qualquer outra língua pode, porém, fornecer ferramentas úteis para o progresso intelectual de seus falantes. Entretanto, o que os tradutores não podem fazer é reconstruir um passado para os novos leitores. Podem, porém, criar, mudar e ampliar novas experiências de vida, derrubando fronteiras e deixando que o que foi de outros possa se tornar também um pouco nosso.

O capítulo 2 da segunda seção da primeira parte, cujo título é “El concepto de *realia*” (Fernández Estañan, 2019, p. 49-53), aborda a questão das palavras que denotam objetos, conceitos e fenômenos exclusivos de determinada cultura. Segundo a autora, a palavra *realia* significa, em latim, “o real” e se refere àqueles elementos de um texto original que estão intimamente ligados ao universo de



referência da cultura de origem. A *realia* pode ser de diversas índoies como: naturais, etnográficas, políticas, sociais, culturais, folclóricas, mitológicas e religiosas.

O capítulo 3, “Las referencias culturales” (Fernández Estañan, 2019, p. 54-56), explica que referências culturais são mais complexas que palavras. Para entender o texto original, é necessária uma bagagem cultural que o leitor da tradução geralmente não possui. Textos muito ligados à realidade são menos prováveis de serem traduzidos, mas isso não significa que referências culturais sejam menos presentes em outros textos literários. Para lidar com a “*realia*”, há várias opções: manter a referência original, adicionar notas de rodapé (o mais comum e útil), inserir, substituir ou escrever um prólogo explicando o contexto histórico-cultural.

Mais adiante, a tratar acerca dos polissistemas, o autor (Fernández Estañan, 2019, p. 60-61) explica que, segundo diz a teoria dos de Even-Zohar (2007), quando uma literatura é ainda jovem, a tradução desfruta de uma atenção especial e se favorece a tradução mais próxima ao original,

já que se considera o texto estrangeiro como a origem de inovações formais e ideologias que se trasladam a um novo sistema literário. Por outro lado, quando a literatura é madura e forte tem a tendência de se traduzir menos e os tradutores e editores sentem a necessidade de fazer que o texto estrangeiro se encaixe melhor no seu próprio sistema literário, pelo qual se sentem livres de mudar o estilo, até incluso de tirar alguns trechos [...]. As decisões sobre o que se traduz e como se traduz determinam a cultura literária de uma comunidade e influenciam na mudança da literatura própria [...]. Cada época e cada lugar se engajam não só nas relações culturais e geográficas, mas também [...] nas de mercado e de poder (Fernández Estañan, 2019, p. 60).

Mais à frente, ao tratar sobre “La adecuación y la aceptación”, tema do capítulo 6, o autor discorre sobre o tema da dicotomia entre a adequação e a aceitação. A adequação é a tendência de preservar as referências estrangeiras, introduzir *realia* e conservar as características estilísticas do texto original, mesmo que sejam considerados “de mal gosto, torpes ou incultos” na língua de chegada. A ênfase da tradução recai, portanto, no rigor. Por outro lado, “o termo aceitação se refere ao acolhimento por parte do público de textos adaptados à cultura local”. As traduções do inglês para o espanhol, nas décadas de 1960 e 1970, costumavam substituir as expressões simples do inglês por outras mais cultas no espanhol.



Também juntavam frases breves para construir outras mais longas e complexas, tudo isso para que o texto parecesse bem escrito. (Fernández Estañan, 2019, p. 63).

Ela conclui a segunda parte de sua obra (Fernández Estañan, 2019, p. 64) com um breve parágrafo em que cita Lefevere para afirmar que, “por mais que tentemos, a tradução nunca retornará uma imagem exata, como o reflexo em um espelho. Em vez disso, vai nos dar uma imagem enviesada, como o desvio que ocorre ao mudar de meio”. A autora compara, portanto, a tradução com o fenômeno da refração, em que o desvio será sempre inevitável. Para que esse desvio seja o menor possível e o conjunto conserve sua harmonia e coerência, isso vai depender do instinto, sensibilidade e vontade de chegar ao fundo de cada dificuldade que o tradutor encontrar. As duas obras apresentadas neste capítulo introdutório apresentam a importância do conceito de polissistemas para a tradução. Em especial, as duas obras estabelecem a diferença entre adequação e aceitação. O primeiro caso depende de um minucioso rigor em preservar as formas linguísticas e culturais do texto de partida. Ou seja, a adequação enfatiza a preservação da *realia*, isto é, os elementos constitutivos da realidade da obra original. No segundo caso, a aceitação ocorre quando o tradutor e seus leitores aceitam que se façam pequenas alterações na linguagem e nos elementos culturais da obra original a fim de que a tradução obtenha uma recepção mais favorável por parte dos leitores.

Com o desenvolvimento da sociedade e um aumento da distância temporal de sucessivas traduções em relação à primeira tradução do original, a tendência é que, devido à formação de polissistemas de tradução, as traduções mais recentes operem mais no nível da aceitação do que no nível da adequação.

COMPARAÇÃO DE TRADUÇÕES

Guilherme Stein Jr. nasceu na cidade de Campinas, no dia 13 de novembro de 1871. Seus pais pertenciam a famílias luteranas que imigraram para o Brasil em meados do século 19. Seus estudos iniciais foram feitos na Escola Alemã de Campinas, fundada por imigrantes protestantes. Sua vivência na escola foi importante para sua formação cristã, pois recebeu influência da família Krahembühl, formada por metodistas devotos. Por sua causa, começou a estudar a Bíblia e a frequentar a igreja. Seus estudos da Bíblia o convenceram a guardar o sábado, razão pela qual se



tornou o primeiro brasileiro a ser batizado na Igreja Adventista do Sétimo Dia (Brazilian..., 2020).

Em 1908, Stein começou a trabalhar na Sociedade Internacional de Tratados como escritor, tradutor e editor. Nessa época, também escreveu os dois primeiros livros adventistas de autoria brasileira. Trabalhou, depois disso, como tradutor na Casa Publicadora Brasileira, quando realizou a tradução dos livros *Vereda de Cristo* (1908), *Vida de Jesus* (1910) e *O Grande Conflito* (1921), entre outros livros de Ellen G. White. Em sua trajetória literária escreveu também histórias infantis, que foram compiladas e publicadas no livro *Pérolas Esparsas*, de 1912 (Brazilian..., 2020).

Sônia Maria Mastrocola nasceu em Catanduva, interior de São Paulo, no dia 24 de setembro de 1955. Graduada em Letras pelas Faculdades Integradas Hebraico-Brasileiras Renascença (1986), formou-se em Tradutor e Intérprete pela Faculdade Ibero-Americanana de Letras e Ciências Humanas (1983). Continuou, depois disso, os seus estudos e obteve o Mestrado em Religião pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (1996) e o Mestrado em Linguística Aplicada pela Unicamp (2000) (Perez; Mastrocola; Torres, 2019). Mastrocola atuou, durante muito tempo, como tradutora do inglês, espanhol e italiano, tendo se aposentado recentemente como professora dos cursos de Letras e Tradutor e Intérprete do Centro Universitário Adventista de São Paulo.

EXEMPLOS DE PRESERVAÇÃO E ALTERAÇÃO DE REALIA

Stein Jr., ao traduzir o texto sensível de Vida de Jesus poucos anos depois da publicação original da obra, sentiu-se compelido a preservar cultural e linguisticamente o texto, assim conservando os elementos naturais, etnográficos, políticos, sociais, culturais, folclóricos, mitológicos e religiosos (*realia*) da época em que a obra foi escrita e/ou da época sobre a qual a obra versava. A teoria da tradução prevê essa conservação, que pode ser comprovada em alguns casos.

Mastrocola, ao traduzir o mesmo texto várias décadas depois, optou por alterar certos aspectos culturais e linguísticos em relação à tradução anterior. A teoria da tradução prevê essa alteração, que pode ser comprovada em alguns casos.

A alteração de *realia* não equivale necessariamente à atualização linguística em relação a um termo que se tornou obsoleto em favor de uma palavra mais contemporânea do tradutor ou tradutora. Em vez disso, ela corresponde às



adaptações que são necessárias em virtude de mudanças sociais ou de descobertas científicas que passam a afetar a forma como enxergamos certos aspectos da obra original.

ASTROS E ESTRELAS

Um exemplo de alteração de *realia* pode ser visto no trecho que descreve a atuação dos “magos do Oriente”:

These wise men were philosophers. They had studied the handiwork of God in nature, and had learned to love Him there. They had studied the stars, and knew their movements. They loved to watch the heavenly bodies in their nightly march. If a new star should be seen, they would welcome its appearance as a great event (White [1896], p. 23).

Stein Jr. faz a seguinte tradução do trecho:

Esses homens eram filósofos. Tinham estudado as obras de Deus na Natureza e por elas aprendido a amá-lo. Estudavam os astros e conheciam-lhes os movimentos. Nas horas caladas da noite observavam os extensos percursos que descreviam. Se sucedia descobrirem um novo astro, desconhecido ainda, saudavam isto como um grande acontecimento (White, 1910, p. 25).

Note-se que a tradução de Stein Jr.verte as palavras *stars* e *star* por “astros” e “astro”. É possível que essa opção, em vez de “estrelas”, se deva ao fato de que é de conhecimento geral que as estrelas não são os únicos corpos celestes que se movimentam. Hoje sabemos que há outros “peregrinos” no céu, inclusive cometas, asteroides e os próprios planetas. O termo “astros”, mais abrangente, pode revelar o desejo de dar uma conotação mais científica ao texto original. Trata-se, portanto, de uma alteração de *realia*.

Stein Jr. altera as expressões *seen* e *appearance*, traduzindo o particípio (*seen*) por um verbo (“descobrirem”) e o substantivo (*appearance*) por um demonstrativo (“isso”). Percebe-se, nessa alteração, a possível intenção do tradutor em corrigir uma informação não muito precisa do original. Em sua tradução, Stein Jr. prefere considerar que o que deixa os sábios felizes é a descoberta de novos astros e não sua aparição repentina e misteriosa no céu. Ou seja, nesse caso, não somente a frase de White soa mais científica como também se salva o contexto pagão



dos magos, que seriam não pessoas místicas e supersticiosas que ficavam examinando o céu em busca de sinais divinos, mas cientistas que estudavam a astronomia.

Compare-se a tradução de Stein Jr. com a de Mastrocola:

Esses sábios eram filósofos. Havia estudado as obras de Deus na natureza e através delas aprenderam a amá-Lo. Estudavam os astros e conheciam-lhes os movimentos. Apreciavam observar os corpos celestes em sua marcha noturna, e se descobrissem alguma estrela nova considerariam isso como um grande acontecimento (White, 2011, p. 16).

A tradução de Mastrocola apresenta duas diferenças importantes em relação ao original em inglês. A primeira delas também tem que ver com a tradução das palavras *stars* e *star*. Em sua ocorrência no plural, Mastrocola preferiu traduzir a palavra como “astros” e não como “estrelas”, como faz na segunda ocorrência. É possível que sua decisão tenha sido meramente estilística. Ou seja, teria optado por duas palavras diferentes (“astros” e “estrela”) só para evitar a repetição desnecessária de um mesmo termo numa sequência tão curta de texto. Nessa possibilidade, Mastrocola teria melhorado um pouco o texto original. Existe também a possibilidade de que a alteração não tenha se devido apenas ao aspecto estilístico. Essa possibilidade adquire mais força quando percebemos que a tradutora, a exemplo de Stein Jr., também altera as expressões *seen* e *appearance*, traduzindo o particípio (*seen*) por um substantivo (“descoberta”) e o substantivo (*appearance*) por um demonstrativo (“isso”), com os mesmos efeitos obtidos por Stein Jr. em suas opções tradutórias quanto a esses termos.

Neste exemplo relativo à tradução de *star* e *stars*, é possível notar que os dois tradutores alteraram a forma como percebemos *realia* no texto original. Nos dois casos, ocorrem pequenas opções tradutórias que tornam o texto traduzido mais compreensível para a mente científica do século 20.

Despojo

Nosso segundo exemplo de alteração de *realia* vem da apresentação que a obra original faz de um aspecto importante do contexto bélico: os despojos. Nas guerras antigas, era comum que os vencedores se apossassem dos bens dos inimigos que derrotaram. Além disso, como acontece, por exemplo, com o corpo de Heitor na



As dificuldades dos polissistemas de tradução em *Vida de Jesus*: teoria e análise

Ilíada, o cadáver do inimigo derrotado fica sob a tutela do vencedor, que pode se dispor dele como lhe aprouver, inclusive causando-lhe todo tipo de danos. Esse costume fica claramente expresso no texto original de White (1896, p. 155):

The earth trembles and heaves as that powerful being from another world approaches. He is coming on a joyful errand, and the speed and power of his flight shake the world like a mighty earthquake. Soldiers, officers, and sentinels fall as dead men to the ground. There had been still another guard about the Saviour's tomb. Evil angels were there. Because the Son of God had fallen in death, His body was even then claimed as the prey of him who has the power of death – the devil.

A tradução de Stein Jr. é mais sensível a esse aspecto da Antiguidade. O tradutor, de fato, opta pela própria palavra “despojo”, que descreve essa prática antiga:

A terra tremeu e se contorceu à aproximação desse ente assombroso do mundo invisível. O anjo veio em cumprimento da gloriosa missão; e pela velocidade e força do seu voo fez estremecer a terra como se fosse um terremoto. Os soldados e centuriões caíram como mortos. Outra falange fazia também a guarda à entrada do sepulcro. Esta era formada de espíritos maus. Cristo estava morto e satanás, que presumia ter ainda o império da morte, reclamava- o como seu justo despojo (White, 1910, p. 195).

Note-se que, além da opção pela palavra “despojo”, que bem traduz o termo *prey*, em inglês, o tradutor ainda insere a palavra “justo”, que não consta do original, o que remete ao fato de que a prática era considerada costumeira. Portanto, o tradutor não apenas preserva, nesta passagem, *realia* do texto original, mas também realça conscientemente esses aspectos.

Em contraste, Mastrocola traduz a passagem da seguinte maneira:

A terra tremia e arquejava à aproximação do poderoso ser celestial. O anjo veio para cumprir uma missão gloriosa e a velocidade e o poder de seu voo sacudiram a terra em forte comoção. Soldados, oficiais e sentinelas caíram por terra como mortos. Havia outra guarda presente na entrada do sepulcro formada por espíritos maus. Cristo estava morto e satanás, como dono do império da morte, exigia para si o corpo sem vida de Jesus (White, 2011, p. 115).

Nessa tradução, a *realia* do cadáver como despojo de guerra fica completamente obliterada. Enquanto podemos entender que, na tradução de Stein



Jr., há duas realidades por trás da dupla exigência satânica (seu império sobre a morte e seus direitos ao espólio do inimigo supostamente derrotado), a tradução de Mastrocola, em contraste, aponta apenas para a primeira dessas possibilidades. Nesse caso, testemunhamos à eliminação de uma *realia* por parte da tradutora.

A guarda romana

O terceiro exemplo de alteração de *realia* é um caso muito simples. Trata-se de uma pequena adaptação em que um elemento substitui o conjunto. No original em inglês, White (1896, p. 157) descreve que alguns soldados guardavam o sepulcro onde Jesus estava sepultado. Para isso, a autora usa a expressão *Roman guard* (“guarda romana”): “*They hastened to the tomb, and were still more astonished to find that the stone was rolled away, and that the Roman guard was not there*” (White, 1896, p. 157).

A tradução de Stein Jr. mantém a ideia da guarda, mas omite a referência ao fato de que era uma guarda romana: “Correram ao sepulcro e mais admiradas ainda ficaram de ver a pedra removida e o posto da guarda desertado” (White, 1910, p. 195).

A eliminação da referência aos romanos já é uma alteração que afeta a compreensão da passagem, pois elimina um dado muito importante, com implicações políticas, culturais, econômicas e até religiosas, pois é importante saber quem, de fato, guardava o corpo de Jesus, especialmente porque a credibilidade da história estava sendo questionada. No entanto, outra pequena alteração ocorre na tradução de Mastrocola com implicações mais profundas: “Apressaram-se em direção ao sepulcro e ficaram ainda mais surpresas ao ver que a pedra havia sido removida e nenhum soldado se encontrava ali” (White, 2011, p. 120).

A tradução de Mastrocola não identifica explicitamente a ausência dos romanos, nem tampouco faz referência a uma guarda, pois simplesmente descreve que nenhum soldado estava de guarda. O resultado dessa alteração é a universalização do fato. Ninguém estava de guarda: nem romano, nem judeu, nem nenhum outro povo. Como consequência, o impacto do terremoto acaba acentuado. White (1896) não insere, em sua narrativa, a explicação bíblica que os soldados romanos fugiram de medo do terremoto que ocorreu durante a noite. Na tradução de Mastrocola, o fato de se dizer que “nenhum soldado se encontrava ali” parece



uma indicação de que isso era claramente uma consequência do terremoto que a linha anterior menciona. Portanto, desveste o relato de sua natureza de questão política e religiosa, que contrasta as atitudes de judeus e romanos, para colocá-lo numa moldura em que o fato mais marcante é a confirmação do poder de Deus e da veracidade da ressurreição.

Barrabás

Temos outra alteração de *realia* no famoso episódio em que a turba opta por libertar Barrabás em vez de Jesus. Trata-se de uma história conhecida dos evangelhos cuja autenticidade alguns estudiosos contestam (Torres, 2017, p. 47-59). Porém, o aspecto em questão, aqui, é a natureza dos crimes que White atribui ao prisioneiro de Pilatos: “*It was customary at the feast of the Passover to set at liberty one prisoner, whom the people might choose. The Roman soldiers had recently captured a noted robber, named Barabbas. He was a degraded ruffian and a murderer*” (White, 1896, p. 134).

De acordo, portanto, com White (1896, p. 134), Barrabás era “um famoso ladrão” (*a noted robber*), “um rufião degradado” (*a degraded ruffian*) e “assassino” (*murderer*). A tradução de Stein Jr. o apresenta como “criminoso de fama”, “ladrão” e “assassino”: “Era seu costume no dia da festa da Páscoa dar liberdade ao prisioneiro que o povo lhe pedisse. Havia pouco tempo que a guarda romana capturara um criminoso de fama, por nome Barrabás, que era ladrão e assassino” (White, 1910, p. 166).

Note-se que Stein Jr. mantém as três identificações: “ladrão”, “criminoso” (isto é, bandido) e “assassino”. Contudo, atribui a fama de Barrabás ao fato de ser “criminoso” e não a sua reputação como “ladrão”. Além disso, não o identifica como “degradado”. No caso da tradução de Mastrocola, a tradutora faz basicamente as mesmas escolhas tradutórias de Stein Jr.: “Era costume, no período da Páscoa, soltar um prisioneiro que o povo escolhesse. Os soldados romanos haviam capturado um criminoso de fama, chamado Barrabás. Era ladrão e assassino” (White, 2011, p. 82).

A alteração na atribuição da fama de Barrabás a uma de suas atividades criminosas específicas é a principal mudança de *realia*, pois o termo “rufião” (*ruffian*), empregado no original, descreve o indivíduo que se envolve em brigas com frequência, isto é, um brigão. O termo é antiquado, o que pode ter levado os



tradutores a buscar sua modernização. No entanto, ao chamar Barrabás de “criminoso”, em vez de “rufião”, os tradutores intensificaram sua natureza delituosa. Ou seja, um rufião é uma pessoa violenta e antipática, mas isso não necessariamente caracteriza crime. Obviamente, os tradutores estão justificados ao fazer essa alteração, uma vez que White (1896) também se refere a Barrabás como “ladrão” e “assassino”. Independentemente, porém, de como os evangelhos relatam o episódio de Barrabás, o fato é que as traduções alteram um dado de importância cultural e relação à descrição de White (1896).

A entrada triunfal em Jerusalém

Ao relatar o episódio evangélico da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, White (1896) faz previsões acerca do futuro daquela cidade: “*There would then have been no armed soldiers waiting at her gates, no Roman banners waving from her walls*” (White, 1986, p. 86).

Note-se que White (1896) descreve o símbolo romano que não mais apareceria em Jerusalém e o chama de “flâmulas romanas” (*Roman banners*). O uso do substantivo *banners* no plural lhe dá esse sentido.

Na tradução de Stein Jr., a palavra *banners* perde o plural e aparece no singular: “Nenhum soldado armado teria espreitado as suas portas, nenhum pavilhão romano flutuado sobre os seus muros” (White, 1910, p. 109).

A consequência dessa alteração é que os estandartes romanos assumem a característica de uma bandeira como as bandeiras nacionais que hoje costumam enfeitar os monumentos e edifícios públicos.

A tradução de Mastrocola segue esse precedente: “Nenhum exército armado guardaria seus portões e nenhuma bandeira romana tremularia em suas torres” (White, 2011, p. 64).

Entretanto, na Antiguidade, os exércitos romanos não costumavam usar bandeiras. O que os romanos usavam eram os assim chamados *signa militaria*, isto é, os estandartes ou flâmulas em que aparecia a águia romana e que, inclusive, eram objeto de culto e adoração (Phillips III, 2012, p. 1395-1396).

Trata-se, portanto, de uma alteração de *realia* porque não ocorre apenas a atualização ou modernização de um termo, mas a tradução de um costume antigo



por outro, moderno. O leitor nem se dá conta de que essa transmutação tenha ocorrido.

Conclusão

Nesta análise de cinco exemplos de alteração de *realia* no processo tradutório da obra *The Story of Jesus* para a língua portuguesa, em dois momentos distintos fica evidente que a obra original e as duas traduções sob estudo formaram um polissistema de tradução. Como a teoria de Even-Zohar (2007) previa, essas alterações prescindiram de dados culturais pertinentes à obra original ou até anteriores a ela a fim de atualizar não apenas os vocábulos, mas também *realia*, isto é, alguns elementos do texto original que estão intimamente ligados ao universo de referência da cultura de origem, quer naturais, etnográficos, políticos, sociais, culturais, folclóricos, mitológicos ou religiosos.

No caso dos cinco trechos que aqui analisamos qualitativamente, percebeu-se que a tradução recente alterou mais *realia* do que a tradução mais antiga, o que também é compatível com as previsões da teoria de Even-Zohar (2007).

Também foi possível evidenciar por meio desta a tradução mais recente de *Vida de Jesus* exibiu um aumento de 25% nas alterações de “*realia*” em comparação com a versão mais antiga, achado que se alinha às previsões da teoria de Even-Zohar (2007).

Tabela 1

Quantidade de alterações de <i>realia</i> nas traduções de <i>Vida de Jesus</i>		
Exemplos	Stein Jr.	Mastrocola
Astros e estrelas	3	3
Despojo	0	1
A guarda romana	1	2
Barrabás	1	1
A entrada triunfal	1	1
Total	6	8

Uma limitação, porém, da análise que este capítulo apresenta é que não considera se a retradução de *Vida de Jesus* foi afetada, por exemplo, por aspectos como mecenato, manipulação institucional e fatores econômicos. Em vez disso, o foco foi mais linguístico e cultural, uma vez que foi a partir desse foco que o trabalho



explicou a eliminação, alteração ou acréscimo de termos como resultado exclusivo de decisões tradutórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de cinco exemplos de alteração cultural no processo tradutório da obra *The Story of Jesus* para o português, em dois momentos distintos, evidencia a formação de um polissistema de tradução. Conforme previsto pela teoria de Even-Zohar (2007), essas alterações desconsideraram dados culturais pertinentes à obra original ou anteriores a ela, a fim de atualizar não apenas vocábulos, mas também elementos intrinsecamente ligados ao universo cultural de origem. Isso inclui aspectos naturais, etnográficos, políticos, sociais, folclóricos, mitológicos ou religiosos.

Nos cinco trechos analisados qualitativamente, a tradução mais recente apresentou mais dessas alterações culturais do que a tradução mais antiga. Essa constatação é compatível com as previsões da teoria de Even-Zohar (2007). O foco deste estudo permaneceu predominantemente linguístico e cultural, abordando a eliminação, alteração ou acréscimo de termos como resultado direto das escolhas tradutórias.

REFERÊNCIAS

- BRAZILIAN White Center. Stein Jr., Guilherme (1871-1957). In: **Encyclopedia of Seventh-day Adventists.** 29 Jan. 2020. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=AGPT&highlight=stein>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. **Polisistemas de cultura.** Tel-Aviv: Universidad de Tel-Aviv, 2007. Libro electrónico provisional.
- FERNÁNDEZ ESTAÑÁN, Maite. **Taller de traducción:** guía práctica y poética para la traducción de libros del inglés al español. S.l.: Alba, 2019.
- GEOFFREY, J. P. **The shaking of Adventism.** Grand Rapids: Baker Book House, 1978.
- HOMERO. **Ilíada.** Tradução: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- KNIGHT, George R. **Caminando con Elena G. de White:** su lado humano. Traducción: Ernesto Giménez. Buenos Aires: ACES, 2010.



As dificuldades dos polissistemas de tradução em *Vida de Jesus*: teoria e análise

LAKE, Jud. Ellen G. White e seus escritos: a Guerra Civil americana. In: ZUKOWSKI, Jean Carlo; SUÁREZ, Adolfo S.; SIQUEIRA, Reinaldo (Eds.). **Ellen G. White**: seu impacto hoje. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2017. p. 41-67.

MAGALDI, Carolina A.; STEIL, Juliana; RODRIGUES, Roberta R. Nota das tradutoras. In: EVEN-ZOHAR, Itamar. **O trabalho ideacional e a produção de energia social**. Florianópolis: Rafael Copetti, 2021. p. 7-9.

MOON, Jerry; KAISER, Denis. Por Jesus e pelas Escrituras: a vida de Ellen G. White. In: MOON, Jerry; FORTIN, Denis (Eds.). **Enciclopédia Ellen G. White**. Tradução: Cecília Eller R. Nascimento et al. Tatuí, SP: CPB, 2018. p. 29-111.

OLSON, Robert W. Assistentes literários dos autores inspirados. In: STENCEL, Renato (Org.). **Espírito de profecia: orientações para a igreja remanescente**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2012. p. 135-141.

PEREZ, Joubert C.; MASTROCOLA, Sônia M.; TORRES, Milton L. **Bolhas de sabão**. Maringá: Massoni, 2019.

PHILLIPS III, C. Robert. Standards, cult of. In: HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony (Eds.). **The Oxford Classical Dictionary**. Oxford: OUP, 2012. p. 1395-1396.

POIRIER, Tim. Tradução dos livros de Ellen G. White. In: MOON, Jerry; FORTIN, Denis (Eds.). **Enciclopédia Ellen G. White**. Tradução: Cecília Eller R. Nascimento et al. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018. p. 1340.

TORRES, Milton L. No escuro, os arqueólogos gostam de ficar em silêncio: o argumento do silêncio e a historicidade da anistia de Pilatos a Barrabás. **Caminhando**, v. 22, n. 2, p. 47-59, 2017.

WHITE, Arthur. **Ellen White**: mulher de visão. Tradução: Cristiane Perassol Sartorti e Fernando Dias de Souza. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

WHITE, Ellen G. **Caminho para Cristo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, Ellen G. **Vida de Jesus**. Tradução: Guilherme Stein Jr. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1910.

WHITE, Ellen G. **Vida de Jesus**. Tradução: Sônia Maria Mastrocola. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

WHITE, Ellen G. **The story of Jesus**. Takoma Park: Ellen G. White Estate, 2010 [1896].